

## ÍNDICE GERAL

<b>Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo I: Os géneros e a tradição editorial das <i>Rimas</i></b>	
A importância da ordenação dos poemas .....	27
As colectâneas poéticas do século XVI: os <i>cancioneiros</i> e as <i>rimas várias</i> ..	31
A distribuição dos poemas nas edições das <i>Rimas</i>	
Alguns problemas .....	36
A valorização do engenho do poeta .....	38
A função interpretativa do género .....	42
A influência dos estudos camonianos .....	44
Alguns aspectos de teorização literária e arte poética quinhentistas .....	46
<b>Capítulo II: As canções</b>	
A canção na literatura portuguesa de Quinhentos .....	53
O desalento e a melancolia .....	60
<i>Monumentum aere perennius</i> .....	65
A inspiração da Poesia .....	68
A ineficácia da escrita .....	71
O desterro .....	77
A culpa dos humanos .....	84
A culpa do Amor .....	87
Os <i>desconcertos</i> do Amor	
A indefinição .....	94
Duas concepções de amor .....	95
A Canção VII, poema de amor profano .....	99
As metamorfoses dos enamorados .....	103
A “mor fineza” do amor .....	108
As exigências do amor .....	112
A sextina: a exploração de uma forma fixa .....	118
<b>Capítulo III: As odes</b>	
A ode e a canção na poética moderna .....	129
As “sextinas diferentes”: o reinvestimento das formas e a tradição	
A estrutura formal e o cânone camoniano .....	137
O género e a interpretação: o caso de “Tão suave, tão fresca e tão fermosa” ..	142
Os géneros, a poética implícita e os modelos de imitação	
Horácio na concepção quinhentista da ode .....	148
Camões e a tradição horaciana .....	151
A ode encomiástica e a Poesia .....	158
O “lirismo de cabeça”: a nobreza lírica e o distanciamento estético	
A ode mitológica .....	164
A idealização da natureza .....	167
A perfeição de um oásis? .....	169



O choque das tendências classicizante e petrarquista	
Duas formas de sensibilidade .....	170
A ode erótica .....	172
O desequilíbrio das odes camonianas .....	175
<b>Capítulo IV: As elegias e as epístolas</b>	
1595: a aproximação das "elegias" e das "oitavas" .....	179
O terceto, forma poética fixa .....	181
A fantasia poética: o capítulo .....	185
A elegia e o modo elegíaco .....	189
Uma elegia fúnebre: o peso da convenção .....	191
A epístola poética .....	201
As epístolas e as elegias: a comunicação e o ensimesmamento .....	208
As epístolas: a verdade imediata e a expressão literária .....	216
As epístolas em oitavas: a reflexão moral .....	224
A Écloga que "no se egloga" .....	233
A naturalidade expressiva da <i>contaminatio</i> .....	236
<b>Capítulo V: As éclogas</b>	
A crítica e a écloga .....	241
A tradição bucólica e a modelização do mundo .....	246
Camões e a evasão bucólica .....	251
A écloga artística na obra de Camões: um género maior .....	256
Um mundo codificado	
O domínio técnico .....	261
A insuficiência expressiva do código simbólico pastoril .....	264
As contendas pastoris e a emulação .....	267
Entre os Antigos e os Modernos. Imitação e inovação	
"Novo estilo, novo espanto" .....	270
O poder do canto pastoril .....	273
Leitura da contenda em clave alegórica .....	277
A motivação literária: a consagração do Poeta .....	279
A natureza e a exacerbação sentimental	
A solidão .....	283
A poesia da noite .....	287
A melancolia partilhada: a <i>branda</i> destruição .....	293
A insuficiência da Arcádia	
A separação do mundo natural e do homem .....	297
O tempo e a degradação .....	304
O triunfo do Amor e a perda do indivíduo singular	
Drama e individualização .....	310
O Amor na perspectiva da mulher .....	312
O esquecimento e a morte psicológica .....	318
A loucura dos pastores: fontes e significado .....	320
A lucidez dos <i>tristes</i> .....	325
A tirania do Amor .....	328
O amor e a corrosão do bucolismo .....	331
<b>Conclusão</b> .....	337
<b>Bibliografia</b> .....	347
<b>Índice onomástico</b> .....	373
<b>Índice Geral</b> .....	379